

O que é o bom professor?

What is a good teacher?

Rodrigo da Silva Oliveira¹

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Itapetininga, rodrigolebeau@hotmail.com

Submetido em 27/05/2015

Revisado em 23/06/2015

Aprovado em 25/08/2015

Resumo: Resenha do livro CUNHA, Maria Isabel. O bom professor e a sua prática. São Paulo. Papirus Editora, 2012. 24ª edição.

Palavras chave: Educação. Docente. Didática.

Abstract: Review of the book CUNHA, Maria Isabel. O bom professor e a sua prática. São Paulo. Papirus Editora, 2012. 24ª edição.

Keywords: Education. Teacher. Didactics.

Após o professor da disciplina de Didática¹, do curso de licenciatura em física, nos propor três opções para o trabalho de finalização do semestre, optei em escolher resenha. Mas a dúvida era: qual livro? Ao adentrar na biblioteca do campus, olhando os livros, um título me chamou a atenção: ‘O bom professor e a sua prática’ de autoria da Maria Isabel da Cunha. Após uma primeira leitura, resolvi que esse seria o livro do qual eu faria esta resenha. A 1ª edição do livro é do ano de 1989, a edição resenhada é a 24ª do ano de 2011.

Maria Isabel da Cunha é graduada em Ciências Sociais e em Pedagogia pela Universidade Católica de Pelotas, mestre pela PUC-RS, doutora em Educação pela Unicamp, com pós-doutorado pela Universidade Complutense de Madri (Espanha).

Parte I – FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO ESTUDO

A autora inicia falando de suas motivações para escrever seu livro. Interessante notar que, ao invés de generalizar as escolas, salienta que cada escola possui a sua realidade e ela explica: “O ensino é sempre situado, com alunos reais em situações bem definidas” (p. 22). Para a autora, ao se falar de educação em sala de aula, deve-se pensar em alunos reais e não hipotéticos.

Nesse contexto, olhando para a realidade do Brasil, a autora ressalta que, na prática, o trabalho do professor se resume a capacitação da mão de obra para a indústria e para o Estado. A autora vai contra essa realidade. Após isso temos o foco no professor, dado aqui não como uma peça isolada no processo de educação, mas que esse tem uma função institucional numa escola com função social. A autora escreve sobre os professores reais:

Compreendo a escola como uma instituição social, reconhece-se que o seu valor será atribuído pela sociedade que a produz. Reconhece-se, também, que a importância do papel do professor varia em função dos valores e interesses que caracterizam uma sociedade em determinada época (p. 25).

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Ivan Fortunato.

Temos então uma abordagem nas correntes teóricas, que ora tendem a lançar o professor como um reproduutor de conhecimento científico, explorador de toda tecnologia e desbravador da modernidade científica. Ou então o professor social, preocupado com a formação crítica, política, histórica e cultural do conhecimento e do ato de ensinar.

Libâneo ressalta que o trabalho do professor na escola, muitas vezes é moldado pela sociedade, que traz suas concepções de homem e que são refletidas na escola. Mas que alguns professores tentam quebrar esse limitante buscando novas práticas, mas conforme Libâneo isso ocorre de duas formas, ou o professor pensa em sua prática e reflete sobre ela para fazer a mudança, ou ele muda só por mudar sem refletir em sua prática e nas consequências que isso trará sobre o seu trabalho.²

Em graduações em licenciatura, tende-se a sonhar com uma sala de aula ideal, em que tudo funciona de maneira ideal, no belo e fantasioso quadro pintado por muitos autores que estudam a educação. Pouco se fala na realidade das salas de aula e do cotidiano da vida do professor. Geralmente tal contato, em sua maioria das vezes, quando ocorre, é quando o aluno inicia seus estágios em sala de aula. A autora nos chama a atenção quando diz:

O estudo do professor no seu cotidiano, tendo-o como o ser histórico e socialmente contextualizado, pode auxiliar na definição de uma nova ordem pedagógica e na intervenção da realidade no que se refere à sua prática e à sua formação (p. 30).

Uma afirmação bem colocada pela autora, para uma formação efetiva de fato, deve-se estudar o professor em seu cotidiano, na sala de aula real, não na sala de aula ideal e imaginária, conforme pintada por muitos autores.

² LIBÂNEO, J.C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: _____. *Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1992. Cap. 1.

A autora então passa a explicar o significado do cotidiano do professor, não se restringindo apenas ao cotidiano em sala de aula, mas também a sua rotina dentro e fora da escola, na sociedade na qual ele se constitui sujeito. Para a autora “cada sujeito é único com sua história própria que lhe permite dar significado à experiência e construir o cotidiano” (p. 32).

A história de vida do professor interfere em seu cotidiano, no qual ele pode se espelhar em exemplos que o marcaram seja para seguir o exemplo de um professor do passado ou para tentar ser um professor diferente do qual teve contato em sua época escolar, mas tal história também se constrói com o convívio com outros professores pelos corredores da escola, na troca de experiências e convivências e assim o professor constrói o seu cotidiano.

Mas em que o cotidiano interfere na atividade do professor? De acordo com seus estudos a autora aponta que interfere na linguagem e comunicação do sujeito, logo como a comunicação é o principal meio utilizado pelo professor em sala de aula, sendo que interfere diretamente na atividade do professor. No entanto, a autora ressalta que em alguns casos o professor consegue desvincular seu cotidiano da sala de aula e seu discurso não refletir o que ele vive, onde este faz um discurso perante seus alunos e seu cotidiano não reflete tal discurso.

E sobre o cotidiano é salientado que “participação em movimentos sociais, religiosos, sindicais e comunitários pode ter mais influência na vida do professor” (p. 34), tais fatores tem maior influência na posição e no discurso do professor do que muitas vezes sua própria formação acadêmica.

Após a abordagem dos objetivos do livro, passa a ser abordado o método de pesquisa utilizado pela autora para realizar o seu trabalho. Ela se valeu de uma pesquisa qualitativa sobre “o professor na sua história, no seu contexto social, a partir de suas percepções e das condições que o rodeiam” (p. 37). Pois, para ela, pesquisas quantitativas tendem a generalizar e trabalhar com um professor não materializado e impessoal. A própria autora descreve seu trabalho como uma pesquisa etnográfica.

Que com base nos autores aos quais ela fundamentou sua pesquisa, tornam o pesquisador uma pessoa não neutra, mas que está envolvida com seu objeto de estudo, onde há uma interpretação de realidades e observações desvendadas. Função esta a qual ela atribui aos professores pesquisadores que estão profundamente interessados em sua atividade como uma formação crítica e envolvida na história e no cotidiano.

Após isso ela crítica alguns autores que escrevem sobre a educação, apontando que faltam pesquisas etnográficas para aproximar mais a teoria a qual eles escrevem da realidade de um professor em sala de aula.

Isso posto, ela passa a descrever o método utilizado, indicando a sua motivação:

A partir daí decidi trabalhar com professores de 2º e 3º graus para poder ver se o grau de ensino em que o professor atua, sendo parte do contexto social, influencia o seu desempenho. Para fins de delimitação do universo a ser pesquisado optei por efetuar um levantamento junto aos alunos. Esta decisão me permitiu, além de estudar os BONS PROFESSORES, discutir a própria ideia de BOM PROFESSOR presente hoje nos alunos e localiza no tempo e no espaço esta valoração, em consonância com o contexto social (p. 42).

Para levantar os dados, ela focou sua pesquisa nas escolas aos quais atua ou atuou na cidade de Pelotas-RS, sendo que para o nível superior ela se focou nos cursos de Pedagogia e de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e para efeito de comparação levantou dados nos cursos de Agronomia, Veterinária, Direito, Arquitetura e Medicina, para ver se cursos focados na educação e não focados possuem diferentes visões sobre o professor e sua prática.

O mesmo se deu com as escolas de 2º grau³ onde ela se focou em quatro escolas públicas de diferentes realidades e focos de ensino. Uma escola sendo uma de nível

³ Alterada a nomenclatura de 1º e 2º grau, para Ensino Fundamental e Ensino Médio por conta da LDB 9394/96.

médio profissionalizante, outra com habilitação para o magistério⁴, outra a municipal de trajetória acadêmica e, por fim, uma escola de ensino noturno com alunos trabalhadores. Tal diferença entre as escolas tinha por objetivo realizar uma comparação do quanto tais fatores culturais influenciam no ensino e no trabalho do professor, visto cada realidade possuir certa intencionalidade em seu ensino.

A autora realizou sua pesquisa com os alunos concluintes pelo motivo de que eles tiveram contato com um maior número de professores e um contato mais prolongado com seus professores, logo saberiam avaliar melhor e dizer qual era o bom professor para eles.

A autora entra em contato com a direção e coordenação para a autorizarem sua pesquisa e ter a confiabilidade deles para divulgar os resultados, realizou um cronograma de pesquisa, e focou-se nos concluintes de cada curso em cada instituição visto terem convivido por mais tempo com os professores em sala de aula.

Então ela fez para os alunos duas perguntas:

- Qual o melhor professor que você teve no curso?
- Por que razão você escolhe este professor?

Assim, com o nome dos professores em mão, sendo um professor por curso no caso do ensino superior, e um por escola no caso do 2º grau. A autora passou a focar seus estudos nesses professores, sua história de vida e seus valores. Para atingir tal objetivo se valeu de entrevista e observação.

Primeiramente, em seu contato com o professor, a autora explicou seu objetivo para dissipar toda e qualquer desconfiança que estes tivessem quanto aos dados levantados.

Por meio da entrevista, a autora não restringiu os professores a assuntos determinados e pré-estabelecidos, mas levantava temas e os deixava a vontade para se expressar como quisessem. E também fez observação em sala de aula para

⁴ Por conta da mesma LDB passou a ser exigida a licenciatura de nível superior para a atuação do professor em sala de aula, deixando assim de ser ofertado o curso magistério de nível médio.

entender o olhar do aluno e “que tipo de prática é esta que satisfaz os alunos” (p. 48) e, na sua observação, focou no conteúdo trabalhado, forma utilizada e relações interpessoais entre professor e aluno em sala de aula.

Fazendo assim um levantamento sobre a vida funcional envolvendo o tempo de serviço efetivo, a formação e a prática profissional e social do professor.

Para concluir a parte da metodologia utilizada, a autora revela como tratou os dados levantados, classificando e organizando os dados de acordo com as respostas dadas pelos professores e de seu discurso dentro e fora de sala de aula, tarefa a qual a autora descreve como “fase mais complexa”.

A autora passa então a analisar seus dados em três diferentes ângulos: a visão do aluno, a visão do professor e, por fim, a prática do professor para por fim poder concluir sua análise.

Interessante notar essa preocupação da autora em esclarecer todo o processo envolvido para a construção de seu livro, desde o seu porque até o como realizou seu trabalho, para expor seus resultados e depois disso levantar suas hipóteses e conclusões. Isso dá mais credibilidade a seus resultados e conclusões, pois esta se preocupou em estudar a realidade do professor em sala de aula, não apenas levantar hipóteses para uma sala ideal e imaginária como fazem alguns autores da educação.

Parte II – O BOM PROFESSOR PARA O ALUNO DE HOJE

Para entender o que é o bom professor na visão dos alunos entrevistados, a autora estudou o contexto histórico-social no qual os alunos estavam inseridos. Para entender o que a sociedade e o meio ao qual o aluno está inserido esperam que ele absorva e obtenha de seu professor, o tipo de formação que se espera do aluno, no meio social em que este está inserido.

Como instituição social, a escola tem as determinações do que espera de seus alunos e professores, e a escola como instituição social também possui um conjunto de expectativas da sociedade a qual está inserida. Ou seja, a relação

existente entre professor e aluno já está determinada socialmente no meio ao qual a escola está inserida.

Analisando as respostas dos alunos, a autora percebeu que para os estudantes do 2º grau há maior preocupação com o processo de ensino-aprendizagem, esperando de um bom professor algo mais prático e útil em seu futuro. A autora explica que isto se deve ao fato de a escola de 2º grau ser mais diretiva com horários e regras bem definidos, aos quais os alunos devem seguir, além de conteúdos e prazos aos quais os professores devem se deter.

Ao analisar as respostas dos alunos, a autora percebeu que grande parte dos alunos atribui ao bom professor características ligadas a relação professor-aluno, se este consegue transmitir com clareza o que ensina, o seu domínio do conteúdo e seu conhecimento da área. No entanto, o que mais chamou a atenção da autora foi a grande presença de características afetivas na relação professor-aluno, presente quase que na maior totalidade das respostas, como expressado pela autora no trecho a seguir:

Entre as expressões usadas estão “é amigo”, “compreensivo”, “é gente como a gente”, “se preocupa conosco”, “é disponível mesmo fora da sala de aula”, “coloca-se na posição do aluno”, “é honesto nas observações”, “é justo” etc. Essas expressões evidenciam que a ideia de BOM PROFESSOR presente hoje nos alunos de 2º e 3º graus passa, sem dúvida, pela capacidade que o professor tem de se mostrar próximo, do ponto de vista afetivo (p. 61).

Para os alunos, o bom professor possui certa relação afetiva e proximidade com seus alunos, como um amigo, ou até mesmo alguém da família. Ou seja, os alunos buscam no bom professor alguém para se inspirar e espelhar.

Outro aspecto abordado pelos alunos foi à metodologia de trabalho do professor, seu relacionamento com a área do conhecimento e sua produção de conhecimento, acreditar no potencial de seus alunos, preocupação com a aprendizagem. Para exemplificar tais características, cita as expressões utilizadas pelos alunos:

A título de exemplo, gostaria de referir que entre as características dos melhores professores estão: “torna as aulas mais atraentes”, “estimula a participação dos alunos”, “sabe se expressar de forma que todos entendam”, “induz a crítica, à curiosidade e à pesquisa”, “procura formas inovadoras de desenvolver a aula”, “faz o aluno participar do ensino” etc. (p. 63).

Interessante notar que, na visão do aluno, no que diz respeito à prática do professor, o bom professor é aquele que os percebe como sujeitos ativos em suas aulas, não preocupados apenas em dar conta do conteúdo, mas preocupado com o aprendizado do aluno e que esse se manifeste nas aulas e seja um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem.

A autora notou que, para os alunos, o bom professor, não é aquele professor camarada e “bonzinho”, mas sim um professor exigente com cobranças sobre a participação e as tarefas cobradas em aula, para eles tal postura demonstra o interesse do professor com o aprendizado de seus alunos. Outro fato notado por ela é que poucos alunos atribuíram ao bom professor seu posicionamento crítico no que diz respeito à sociedade e a política em geral, concluindo que o posicionamento crítico do professor não é muitas vezes notado pelos alunos, ou pelo professor não ter tal posicionamento ou pelos alunos não darem importância a essa característica do professor.

A autora conclui sua análise da resposta dos alunos, destacando que isso é apenas uma amostra do ponto de vista dos alunos sobre o que para eles é um bom professor, situados em diferentes níveis e realidades sociais, muitas respostas e afirmações acabam sendo semelhantes entre os alunos, e, em vias gerais, para os alunos o bom professor é aquele que se preocupa com eles como sujeitos, ou seja, a proximidade da relação professor-aluno em algo mais pessoal e afetivo por parte dos alunos.

Como aluno, concordo com o ponto de vista destes alunos sobre o bom professor, pois, para mim, um bom professor além de ter que satisfazer no quesito de transmitir de forma clara seu conhecimento, tem de ter tal proximidade com

seus alunos, pois isso demonstra o quão interessado em seus alunos o professor está e tal interesse torna mais atraente o ensino.

Parte III – QUEM É O BOM PROFESSOR

Antes de conversar com os professores escolhidos pelos alunos, a autora faz um levantamento do panorama geral dos professores eleitos como bons professores.

Sendo um total de 21 professores, eleito dois em alguns cursos, sendo 13 do superior e o restante de 2º grau. Convivendo com os professores em suas respectivas instituições percebeu que os valores institucionais e o momento vivido por cada unidade pode ter influenciado em certo grau na decisão e escolha dos alunos.

Dados que autora levantou sobre os professores escolhidos pelos alunos são:

- Aproximadamente 80% do sexo masculino,
- Idades distribuídas entre 26 e 60 anos, onde 50% estão entre 35 e 45 anos,
- 09 professores universitários possuem Dedicação Exclusiva,
- Todos efetivos em seus respectivos sistemas de ensino (federal, estadual e municipal),
- Tempo de magistério bem variante possuindo professores com 03 anos de exercício e professor com até 35 anos de trabalho no magistério, onde duas faixas de tempo de magistério se destacam de 06 a 10 anos e de 16 a 20 anos,
- 12 possuem pós-graduação, sendo 08 em nível de especialização, 02 possuem mestrado e um pós-doutorado, os demais possuem apenas o curso de graduação,
- 09 possuem formação pedagógica na graduação, 03 fizeram extensão pedagógica, 03 estudos na área na pós-graduação e 06 do ensino superior não possuem qualquer tipo de formação pedagógica,

- 17 possuem vínculos com entidades ligadas ao magistério, e 06 com entidades ligadas a sua área específica,
- Todos os professores universitários possuem assinatura de revistas especializadas, o mesmo não acontece com os de 2º grau,
- Aproximadamente 50% já produziram trabalho científico e o apresentaram em congressos ou publicaram em periódicos,
- 05 professores universitários realizam pesquisa, e um ente os professores de 2º grau,
- 11 professores do ensino superior trabalham com extensão e 02 do 2º grau o fazem,
- Muitos dos entrevistados já exerceram atividade administrativa por um tempo, como direção ou coordenação.

Após esse levantamento, a autora achou preocupante o fato de poucos participarem em congressos, seminários dentre outras atividades acadêmicas, tendo uma aderência maior por parte de professores universitários, e entre os entraves para isso está à questão financeira e a falta de incentivo por parte da instituição. Para a autora a pesquisa e o estudo devem ser características de um bom professor.

Concluindo essa análise, pode-se notar que não há certo requisito em comum entre os professores escolhidos pelos alunos, alguns critérios são presentes na maioria, mas não há um padrão, algo para normalizar a escolha dos alunos através desses dados levantados pela autora, mostrando novamente que a escolha dos alunos tende ao lado da afetividade da relação professor-aluno do que a formação e o currículo dos professores escolhidos.

Passando a analisar a entrevista que fez com os professores a autora primariamente abordou a vida pessoal dos professores do estudo, notando que algo comum entre eles, com relação à família, é a educação moral e de valores que receberam dela tais como descritos pela autora:

Todos referiram-se a “valores” quando perguntados sobre as principais aprendizagens familiares e localizarem no exemplo e no cotidiano das relações a forma desta aprendizagem. Dedicção ao trabalho, honestidade, coragem no enfrentamento da vida, responsabilidade, organização, disciplina, alegria de viver foram os principais aspectos de influência familiar sobre os nossos entrevistados (p. 73).

Com respeito à carreira a qual escolheram alguns possuem influências familiares, de pais, irmãos, tios ou avós, mas a maioria traz a trajetória de vida como influência predominante na carreira que escolheram.

Dos que seguem carreira de graduação no magistério apontam que foram influenciados por exemplos de professor que tiveram na época de escola, outros como segunda opção no vestibular e outros como necessidade de emprego.

Mas a autora conclui que não há como padronizar e generalizar, cada um possui uma história de vida e uma influência marcante em sua decisão e escolha de carreira a seguir, mas que o único elemento em comum entre todos é o gosto e a apreciação pelo que fazem e apreciam o seu contato com os alunos e se sentem estimulados com as respostas deles.

Mas os entrevistados também apontam dificuldades em sua tarefa, como o cansaço, a fatigante parte burocrática, o baixo salário, a falta de motivação de alguns alunos, mas que em seus alunos e em suas respostas ao seu trabalho eles encontram a motivação e o estímulo necessário para continuar na carreira escolhida.

Uma ressalva interessante, que até mesmo para os professores essa relação de afetividade entre aluno e professor, serve para eles como uma motivação para o trabalho realizado.

Em sua entrevista com os professores a autora passa a analisar de forma mais aprofundada e analítica as influências na carreira dos professores.

70% dos entrevistados destacaram como influência professores que tiveram em sua época de escola ou de graduação, onde eles destacam como influências o domínio do conhecimento da área, organização, metodologia e relação com os alunos, e ainda ressaltaram a honestidade e o amor à profissão por parte destes.

Mas há entre tais as influências negativas do qual eles tentam fazer diferente e não repetir tais atitudes em suas práticas para com seus alunos. A autora percebe então a forte influência para o professor de exemplos anteriores, e que estes também servirão de exemplos para os que estão por vir, ela reconhece nisso certo risco de uma repetição de práticas sem uma reflexão cuidadosa sobre as mesmas e cair na mera repetição de exemplos vividos sem uma prática devidamente fundamentada.

Em outros casos a influência da própria experiência pessoal e do exemplo de outros colegas professores. Onde os entrevistados dizem observar discussões feitas com outros colegas e observação de como estes agem em sala de aula, e por sua própria experiência refletir sua prática e a intervenção dos alunos para eles são importantes fatores em sua prática docente.

Sobre a influência da formação pedagógica a autora notou uma divisão de opiniões nesse respeito, para alguns foi muito influente e importante na sua prática, onde eles espelham e reflete sobre sua prática constantemente a luz de autores que consideram importantes e influentes. Mas outros pensam de forma diferente, pensam na formação pedagógica e o discurso de muitos autores como algo fora da realidade da sala de aula. E outros reconhecem que só passaram a valorizar os pensadores da educação após sua especialização e pós-graduação.

E para cinco dos entrevistados há a influência social, e formação de opinião política ou religiosa, para o seu trabalho e carreira. A autora então conclui dizendo que muitos professores mesmo de forma inconsciente acabam tendo uma posição e influência política em sua carreira. Mas que a maior influência para os professores entrevistados ainda é o exemplo de pessoas que admiram e espelham a sua prática docente.

A conclusão da autora acaba sendo bem pertinente, pois, numa licenciatura, se perguntarmos o que motivou a escolha, muitos acabarão respondendo a influência de professores que tiveram em sua época de escola seja de forma positiva ou negativa.

Em sua entrevista ela passa a abordar a visão social que os professores possuem sobre o papel e a função da escola. Na qual ela percebeu algo em comum na manifestação de todos os professores e foi destacado no trecho a seguir:

Para todos os entrevistados a escola, como instituição, é um valor social. Tanto é que reconhecem que a não valorização social da educação ou é um descaso do governo para com a população ou é uma estratégia de manutenção das desigualdades (p. 85).

Para os professores entrevistados, o baixo salário e a desvalorização da carreira do magistério fazem com que os professores se sintam desmotivados para exercer seu trabalho mais plenamente. Outro entrave para a eficiência do trabalho que eles percebem é a falta de estrutura e de recursos na escola para se desenvolver um trabalho mais bem estruturado, dinâmico e diferenciado.

Outro entrave que eles percebem é que, principalmente, a escola pública, não possui um incentivo para a formação crítica dos alunos, para formar os alunos plenamente para a cidadania e a política, para eles essa é uma maneira de tornar o povo mais manso e menos ativo criticamente, “porque quando o povo é instruído é menos fácil de manobrar”, palavras de um dos entrevistados que é professor de uma escola de 2º grau.

E alguns professores do ensino superior disseram que os alunos não são preparados para desenvolverem uma posição crítica e de produção científica. Afirmando que a “própria estrutura universitária que atomiza o ensino é vista como um entrave à iniciativa do aluno”. Eles afirmam que isso pode ser visto na separação de teoria e prática dentro do ensino, um ensino repetitivo e conservador, onde muito se ensina e pouco se faz e produz.

Analisando as respostas a autora concluiu que nenhum professor é alienado quanto ao papel social da escola e aos problemas que a educação enfrenta, mas percebe que quanto mais envolvido em associações políticas ou sociais, mais seguros de suas análises e mais profundas e concretas tonam-se as suas

manifestações nesse respeito quais ela chama de “maduros no processo de percepção da realidade social” (p. 90).

Muitas vezes esses professores devido a sua posição criticam, acabam muitas vezes sem perceber, ajudando na formação crítica e na visão política de mundo de seus alunos, seja de forma intencional ou não, formando assim os alunos de uma forma mais plena para com suas opiniões e posições porque o bom professor que eles tiveram tinha tal posição.

Passando a conversar com os professores sobre seu cotidiano em sala de aula de aula, em primeira instância ela percebe que o prazer de estar em sala de aula é algo compartilhado por todos.

Os professores manifestam muito carinho por seus alunos, os citando como motivações para continuar na tarefa de professor posicionam-se como professores exigentes que forcem e estimulam seus alunos a pensarem, gostam de fazer seus alunos sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem.

Interessante notar que os professores escolhidos como bons professores, sentem maior segurança com a manifestação de seus alunos durante as aulas, que eles como professores não querem ser meros repetidores de conteúdo a ser memorizado pelos alunos.

Os professores admitem sentirem carinho pela disciplina e área que atuam, e para eles esse gostar influi muito na qualidade de suas aulas, acham que torna a aula mais cativante.

Quanto à preparação de suas aulas, dizem estudar e prepara a aula e o que será apresentado com antecedência e sempre pensam nos possíveis questionamentos que possam surgir de seus alunos, ou preparam suas aulas com brechas para estimular seus alunos a participarem e questionarem.

Buscam contextualizar o que é apresentado para a realidade do aluno, ou no caso do nível técnico e superior, para seu futuro profissional, outros buscam mostrar para seus alunos como aquele conhecimento foi estruturado e construído, ou antes, de apresentar a teoria fazem com que seus alunos cheguem a uma

possível solução e hipóteses sobre o assunto a ser trabalhado. Para eles a participação dos alunos é motivadora para o trabalho deles.

Novamente destacando a importância que esses professores dão em tornar seus alunos sujeitos ativos dentro da sala de aula.

Os professores entrevistados apresentam então três fatores que dificultam o trabalho pedagógico. Que são a desvalorização do magistério apresentada por eles por meio da questão salarial e da desvalorização do profissional por meio dos órgãos governamentais; estrutura de ensino levantada pelos professores de 2º grau como a falta de identidade desta modalidade de ensino que ora encaminha para os vestibulares e ingressos nas universidades, ora para a profissionalização por meio de cursos técnicos; e por fim as condições de trabalho refletida e sentida na falta de recursos das instituições, bibliotecas mal estruturadas, falta de incentivo a produção científica dos alunos e a péssima formação de outros professores.

A autora conclui a parte da entrevista com os professores com a seguinte ressalva: “Eles representam a ideia de melhor que é produzida pelos alunos de nosso tempo. Por isso estudá-los é importante” (p.115).

Parte IV – O FAZER DO BOM PROFESSOR

A autora passou a estudar os professores em ação, sua atuação em sala de aula. Ela assistiu a duas aulas de cada professor escolhido, em alguns casos ela fez a observação antes de entrevistar o professor e, em outros casos foi o inverso primeiro entrevistou e depois ela assistiu às aulas. Isso se devia a agenda dos professores e a disponibilidade de cada um.

Sua observação foi quanto aos procedimentos do professor, no qual ela observou muitas aulas de teor oral, fosse à introdução de um novo assunto ou a conclusão do que estava sendo trabalhado, presenciou aulas laboratoriais, aulas de discussão em círculo sobre tarefas dadas aos alunos e aulas de correção de exercício, mas o que ela pode observar foi que havia sim certa participação dos alunos e uma preocupação do professor para que tal participação ocorresse.

Ela também notou uma preocupação dos professores em situarem historicamente e socialmente os conteúdos trabalhados, em referenciar o que está sendo estudo, instiga a participação dos alunos, aproveita e valoriza as respostas e expressões de seus alunos, e um relativo senso de humor em seu trato com os alunos.

Notando que os professores de forma intencional, ou não, expressavam suas opiniões quanto ao assunto trabalhado em aula, a autora percebeu nesse aspecto uma preocupação com a formação crítica do aluno devido ao posicionamento crítico do professor quanto ao que estava sendo trabalhado em aula. Em sua conclusão sobre a prática dos professores, por ela observada, a autora anotou:

A observação reforça a constatação de que o professor é inevitavelmente responsável por direcionar o estudo na sala de aula. E é por isso que a neutralidade não existe. Pode ser que a ação docente seja, muitas vezes, pouco reflexiva, até ingênua. Mas nem por isso deixa de ser uma prática política, que evidência valores (p. 135).

A autora concluiu sua observação do professor em ação, ressaltando que a neutralidade para o professor em seu trabalho não existe, que o ensino é uma prática política e reflexiva, às vezes ingênua, mas que mesmo assim existe a formação crítica do aluno por meio da prática do professor.

Parte V – CONCLUSÕES: DA PRÁTICA À TEORIA

A primeira observação da autora, é que o conceito sobre o bom professor é algo valorativo, ditado pela época e ideia social de professor no meio ao qual este está inserido.

A prática é ditada por meio da reflexão do professor sobre a sua prática, ou por pressão da sociedade sobre o que se espera do professor em sala de aula. E que existe o professor com sua vida particular, uma pessoa real, e que existe aquele professor ditado pela sociedade, à pessoa idealizada.

Mas, apesar da desvalorização da carreira do professor, este é muito valorizado por seus alunos, que esperam e querem um professor maduro intelectualmente e ao mesmo tempo afetivo para com eles.

Sua função não é estabelecer um padrão sobre o que é ser um bom professor, visto que os dados levantados não permitem uma generalização quanto à prática, formação e história dos professores eleitos, muito pelo contrário cada um possui um cotidiano e uma realidade com poucas semelhanças entre si.

Mas seu objetivo é levantar uma reflexão pedagógica sobre a prática do professor e a visão dos alunos sobre o que vem a ser um bom professor.

Concluo que a autora tem uma boa visão sobre a relação entre professor e aluno. Preocupando-se em mostrar um professor real em uma sala de aula real, não levantando nenhuma conclusão hipotética e idealização sobre o que vem a ser um bom professor, mas mostrando que este é moldado segundo o meio em que está inserido. E que há uma grande relação afetiva entre professor e aluno, que para os alunos é essencial em um bom professor.

A sociedade e o meio no qual a escola está inserida, tendem a moldar o professor conforme sua necessidade, logo o papel do professor já está pré-determinado pela cultura existente no local.

Assim para determinarmos o que é um bom professor, devemos primeiro estudar o meio em que este professor está inserido, a sociedade que rodeia a escola, os alunos com o qual este convive e seu cotidiano e história de vida.